

População indígena e Território na Amazônia brasileira: estudo de caso da população Xipaya no município de Altamira, Pará ¹

Alessandra Traldi Simoni²

Ricardo de Sampaio Dagnino³

Resumo

Neste trabalho pretendemos apresentar e discutir a territorialidade da população xipaya do médio curso do rio Xingu, no estado do Pará, Brasil. Esta população, que chegou a ser considerada extinta, passou por um processo de ressurgimento na década de 1970. Hoje essa população tem seus próprios territórios, habitando três áreas distintas: (1) a Terra Indígena Xipaya; (2) bairros da sede urbana do município de Altamira, no Pará; e (3) comunidades ao longo da Volta Grande do rio Xingu. Traçaremos um breve histórico demográfico e territorial, mostrando os processos mais importantes vividos por esta população, para então discutir a situação atual. Apesar de discutirmos os três locais de residência e a relação entre eles, o foco principal deste trabalho será a população xipaya na cidade Altamira que ainda está em busca de seu reconhecimento por parte do Estado e passa por um processo de migração compulsória em virtude da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que deverá ser a terceira maior hidrelétrica do mundo e que inundará grande parte dos bairros em que a maior parte da população vive. Mostraremos assim os processos de marginalização e vulnerabilidade desta população ao longo do tempo e os desafios atuais.

Palavras-chave: População indígena; distribuição espacial; mobilidade

¹ Trabajo presentado en el V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Montevideo, Uruguay, del 23 al 26 de octubre de 2012.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Demografia na Universidade Estadual de Campinas (PPGD/UNICAMP), com apoio CNPq. E-mail: <lele.traldi@gmail.com>.

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Demografia na Universidade Estadual de Campinas (PPGD/UNICAMP), com apoio CNPq. E-mail: <ricardosdag@gmail.com> .

Introdução

A partir dos anos 1970 em virtude dos movimentos indígenas e acordos internacionais que reconheciam juridicamente direitos de grupos étnicos, sendo um importante marco destes processos a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1989), avanços ocorreram na relação entre o Estado nacional brasileiro e as populações indígenas que estão neste território. No entanto muitas vezes a prática não corresponde a estes avanços legais. Neste artigo buscaremos mostrar estas questões acompanhando a situação da população xipaya⁴, através de uma breve contextualização histórica que nos trará ao atual processo pelo qual esta população passa. Como veremos esta população habita diferentes territórios no Estado do Pará (Brasil), mas para a análise pretendida neste artigo abordaremos especificamente a população que vive em bairros da sede urbana do município de Altamira, PA. Utilizando técnicas de geoprocessamento, tendo como base a história de deslocamentos da população xipaya, buscaremos espacializar os processos pelos quais esta população passou e ainda hoje passa, sendo esta a migração compulsória de parte da população afetada pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte.

O povo Xipaya – contextualização

O povo xipaya, pertencente à família linguística Juruna, do tronco tupi, tem sua população distribuída em três localidades do Pará:

(1) parte desta se encontra em bairros da sede urbana de Altamira, sendo que o maior número está nos bairros Jardim Independente I e II (MAGALHÃES, 2008), antigamente chamado de São Sebastião;

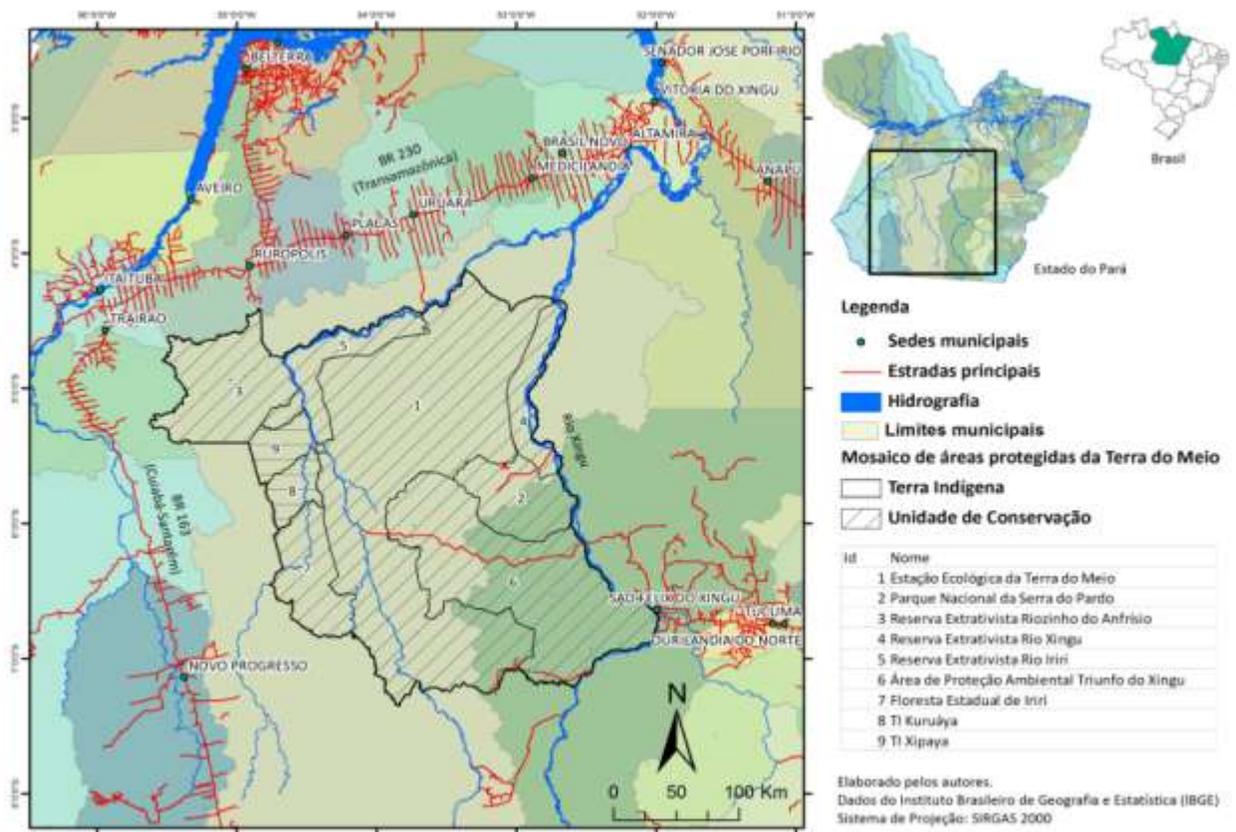
(2) outra parte está na Volta Grande do Xingu, área do médio curso do rio Xingu onde se planeja a construção da usina hidrelétrica Belo Monte;

(3) por fim, outra parte da população habita a Terra Indígena Xipaya, no rio Iriri, que se encontra na Terra do Meio. A Terra do Meio integra a bacia hidrográfica do Xingu, imenso

⁴ Neste artigo utilizaremos a convenção para grafia de etnônimos da ABA (1954) em que os substantivos são grafados com inicial maiúscula e adjetivos em minúscula, além de não haver o uso do plural. A grafia escolhida para o etnônimo neste trabalho é Xipaya, mas devemos ressaltar que na bibliografia consultada existem variáveis, como Chipaia, Sipáya e Axipaies.

corredor ecológico que se estende do Pará ao estado do Mato Grosso, onde estão as nascentes, ao Estado do Pará, onde o rio Xingu desagua no Amazonas. Mais especificamente, no interflúvio dos rios Xingu e Iriri, situando-se a leste da Rodovia Federal BR-163 (Cuiabá-Santarém) e ao sul da Rodovia Federal BR-230 (Transamazônica), principais eixos rodoviários regionais.

Figura 1: Municípios, Terras Indígenas e Unidades de Conservação impactados pela construção da UHE Belo Monte.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Sistema de projeção: SIRGAS 2000.

Esta população está passando por um processo de etnogênese⁵, sendo que o território é de grande importância para este grupo como um todo, como será exposto mais adiante.

Nimuendajú (1948 apud PATRÍCIO, s/d) levanta a hipótese dos Xipaya serem oriundos das cabeceiras do rio Xingu, no entanto, devido à grande experiência com navegação fluvial chegaram até os afluentes dos rios Iriri e Curuá, sendo esta área considerada território ancestral por esta população. Há relatos sobre os Xipaya desde o século XVII, sendo que um marco na documentação escrita é a ida do padre Roque Hunderfund para a região; lá ele iniciou a catequização de diversas populações, como Kuruaya, Juruna, Arara e Xipaya, e formou a missão Tauaquara, num local que hoje é a sede municipal de Altamira. Outro fato importante na história de contato com a sociedade nacional é o momento em que a frente seringalista⁶ chega até o médio rio Xingu. Neste momento há um processo de migração compulsória⁷ da população xipaya, que deveria viver em locais determinados pelo dono do seringal. Alguns xipaya também foram donos de seringais ou “mediadores de negócios” (SNETHLAGE, 1910, p. 59) entre coronéis e indígenas (não apenas do grupo xipaya). Além deste fato havia uma grande pressão por parte dos grupos indígenas Kayapó e Munduruku, que migravam em direção à área do rio Iriri, o que direcionava os xipaya para o território da antiga missão Tauaquara, intensificando a relação da população xipaya com a frente seringalista.

Desta maneira, os casamentos entre membros do grupo xipaya e nordestinos, conhecidos como “soldados da borracha”, casamentos entre Xipayas e Kuruayas e a dispersão do grupo faz com que o Estado e sociedade nacional deixassem de perceber a população Xipaya como grupo. No entanto, na década de 1970 ocorreu um movimento, centrado na figura de Tereza Xipaya de

⁵ Entendendo etnogênese como uma reorganização constante de grupos indígenas face à expansão europeia, já que esta trouxe elementos antes não conhecidos e forçou uma resposta para a sobrevivência dos grupos enquanto tais. Assim, nos casos mais recentemente observados, esta reorganização muda de foco, pois deve lidar ou responder ao Estado nacional brasileiro. A etnogênese, portanto não seria um fenômeno novo, mas sim uma resposta a diferentes atores, instituições e contextos históricos.

⁶ Durante o período de extração e comercialização da borracha no Brasil, caracterizado por dois ciclos principais (de 1879 a 1912 e de 1942 a 1945), existiram diversas frentes de ocupação do território amazônico. Esta ocupação era feita por donos de seringais que determinavam a forma como a área seria explorada, envolvendo a população local e imigrante, indígena e não-indígena.

⁷ Migração compulsória é o processo pelo qual indivíduos ou grupos de indivíduos são obrigados a se deslocarem de seu local de origem, onde se estabelecia seu modo de vida, sendo local de referência cultural, social, político e econômico. Neste caso entendemos este tipo de migração tanto ações decorrentes de conflitos locais, como entre grupos indígenas, quanto advindas por ordem de autoridades públicas.

Carvalho, de reunificação do grupo e luta pela conquista de seu antigo território, com passagens por diversos locais (todos na região do Médio Xingu). Mas apenas em 1993 seguiram para o rio Iriri, e em 1995 houve a primeira solicitação na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pela declaração da Terra Indígena Xipaya, com apoio do Conselho Indigenista Missionário. Este pedido foi refeito em 1999 e apenas em 2006 que a TI é declarada através da portaria da FUNAI (2006), sendo que o grupo se divide dentro da Terra Indígena (TI), na qual parte está nas aldeias Tukamã e Tukayá, e parte vive em três pequenas comunidades dentro da TI, sendo elas, Nova Olinda, Remanso e São Geraldo (PATRÍCIO, 2003). No entanto, mesmo com sua TI declarada, nem todos os membros do povo xipaya vivem lá (PATRÍCIO, 2000), diferentemente do que acontece com alguns povos indígenas no Brasil, em que toda a população se encontra na Terra Indígena.

É preciso entender que estes processos que ocorriam na área do rio Iriri, onde fica a Terra Indígena Xipaya, não estavam desvinculados dos processos que ocorriam no local onde mais tarde se formaria a sede de Altamira. Por este motivo, abordaremos a seguir a constituição da cidade de Altamira e a ida de indígenas xipaya para esta. Como dissemos anteriormente em 1750 o Padre Roque Hunderfund, missionário alemão da Companhia de Jesus, formou a aldeia-Missão Tauaquara na confluência do rio Xingu com o Igarapé Panelas. Os índios de sua missão foram reunidos ao longo do percurso que fez ao subir o rio Xingu e o Iriri, abrangendo diversos grupos indígenas, mas de maneira mais expressiva indígenas Juruna, Xipaya, Kuruaya e Arara. No entanto, logo em seguida, durante o período pombalino, a missão foi abandonada, o que não significou um abandono da nova área pelos indígenas. A nova localidade oferecia certa proteção aos indígenas que lá se encontravam, pois a área do rio Iriri continuou sofrendo pressões de frentes de colonização, mas foi apenas em 1868 que uma rota foi aberta ligando o baixo Xingu ao médio Xingu para melhorar a retirada de produtos extrativistas. Esta rota foi se transformando em estrada e em 1880 o traçado passa por uma alteração e seu ponto inicial é definido nas proximidades do Igarapé Ambé. Algumas famílias se instalaram ali, onde mais tarde se formou a vila de Altamira. A atividade econômica da região era baseada nos seringais e castanhais.

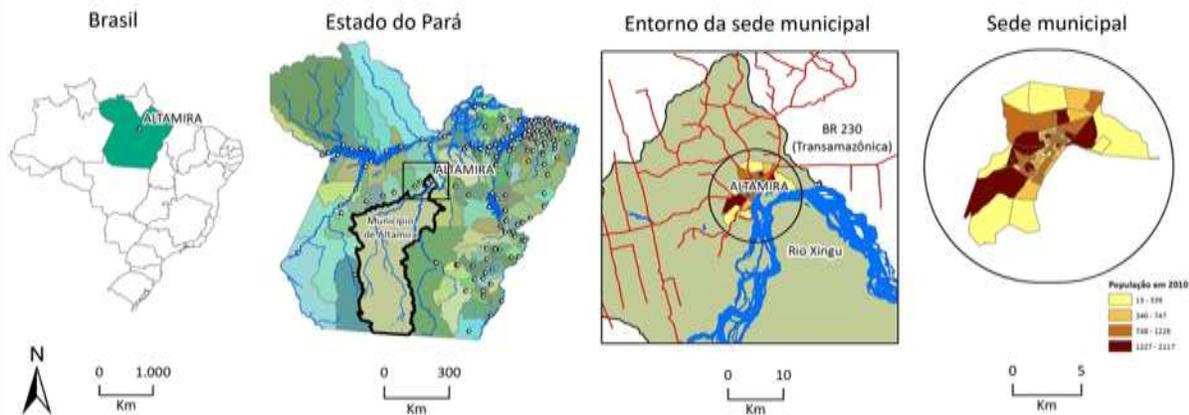
Em decorrência do declínio do comércio da borracha, outras atividades econômicas se tornaram importantes, como a comercialização de pele de onça, gato do mato e outros animais. No entanto com a Segunda Guerra Mundial a extração da borracha volta a ser importante na região, período em que os “soldados da borracha” vão trabalhar nos seringais. Durante todo esse

período, segundo Patrício (2000), a “população indígena incorporou-se pela prestação de serviços. Os homens serviam de pilotos de barcos e, gateiros, extratores de castanha e do látex da seringa e do caucho, as mulheres como empregadas domésticas, lavadeiras, criadas de companhia, principalmente as mais jovens.” Com o crescimento da cidade às margens do Igarapé Ambé logo a antiga área da Missão Tauaquara foi incorporada, sendo esta área hoje o bairro São Sebastião, onde moram muitos indígenas xipaya. Outro bairro que tem presença significativa de famílias xipaya é o bairro Açaizal (PATRÍCIO, 2003), formado a partir de invasões durante os anos de 1980, decorrente de um processo de urbanização e especulação imobiliária que ocorreu em Altamira em virtude da abertura da Transamazônica, nos anos 1970. A Transamazônica afeta assim a população xipaya que vive na sede urbana de Altamira, no entanto não se relaciona com o processo identitário pelo qual a população passará mais tarde.

Outro grande projeto desenvolvimentista que se mostra importante para compreendermos o processo de etnogênese da população Xipaya, é a usina hidrelétrica de Belo Monte, que nos anos 1980 é chamada de Kararaô. É no contexto da primeira tentativa de barragem do rio Xingu que o padre Ângelo Pansa, vinculado ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), elabora um relatório chamando atenção à situação de violência vivida das populações indígenas na região, ainda que se tratasse de uma denúncia contra empresas mineradoras. Sendo este fato importante, pois é um dos primeiros documentos em que a população Xipaya volta a aparecer.

O reconhecimento da existência da população xipaya se intensifica com a nova apresentação do projeto, agora com o nome de Belo Monte. Durante o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) foi levantada a necessidade de se fazer um estudo pormenorizado das populações indígenas da cidade de Altamira e da Volta Grande do Xingu, estudos estes que incorporavam os Xipaya, assim como o estudo da Terra Indígena Xipaya, mostrando a relação entre estes grupos e, paradoxalmente, sendo um fator importante para o processo de reconhecimento do grupo xipaya.

Figura 2: Mapa com a localização do município e sede municipal (cidade) de Altamira



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Sistema de projeção: SIRGAS 2000.

A população xipaya é bastante expressiva na cidade e corresponde a 38,24% (EIA BELO MONTE, 2009) do total de indígenas que vivem na área urbana de Altamira. É importante ressaltar que durante o processo de constituição da cidade os indígenas que lá se encontravam não abandonaram a área do rio Iriri, onde atualmente é a Terra Indígena Xipaya. Havia uma constante migração, que persiste até os dias de hoje, mas por motivos diferentes: em um primeiro momento esta migração ocorria, pois muitos indígenas trabalhavam nos seringais na Terra do Meio, hoje há uma migração decorrente do estabelecimento de uma Terra Indígena na área, fato que ainda deve ser estudado de forma mais profunda.

Por fim, algumas famílias xipaya moram em comunidades na Volta Grande do Xingu, que recentemente entraram com um processo para reconhecimento e demarcação da Terra Indígena Xipaya da Volta Grande do Xingu. Ainda não existem muitas informações sobre os processos de formação destas comunidades e as razões pelas quais as famílias xipaya escolheram ali morar, provavelmente esta área corresponde também à ocupação da região em virtude da formação da missão Tauaquara.

Com base nesta contextualização podemos partir para a análise da população xipaya na cidade de Altamira utilizando como método a incorporação de técnicas de Geoprocessamento para espacializar os marcos mais importantes do deslocamento do povo xipaya na cidade.

Metodologia

O Geoprocessamento é a disciplina em que conceitos de diversas áreas são incorporados para juntamente com técnicas matemáticas e computacionais espacializar informações, possibilitando assim novas leituras de dados, processos sociais e ambientais. As ferramentas computacionais que permitem a realização destas análises são os Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Elas permitem incorporar em um mesmo documento diversos bancos de dados e informações cartográficas.

Assim cada pesquisador deve escolher de que forma trabalhará seus dados para que sua leitura seja possível em um espaço por ele também determinado. Podemos, portanto entender de forma mais aprofundada fenômenos sociais através de informações espacializadas. Por esta razão escolhemos trabalhar com estas ferramentas para compreender os processos pelos quais o povo xipaya passou e passa atualmente na sede urbana de Altamira.

Outra importante discussão metodológica que deve ser feita diz respeito aos dados utilizados e como estes podem ser trabalhados. De maneira geral, dados sobre populações indígenas, quando existem, tem menor qualidade. No Brasil apenas populações indígenas que fazem parte de algum programa, como o Projeto Xingu realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), contam com uma série de dados confiáveis coletados anualmente. Portanto a situação dos povos do Parque Indígena do Xingu é uma exceção entre os povos indígenas no Brasil.

Os Xipaya estão entre os muitos povos indígenas sem fontes de dados, com a particularidade de que este povo foi considerado extinto. Desta forma existem fontes de informação sobre a população em 1750, data do aldeamento missionário no Igarapé Panelas, mas como este foi abandonado em virtude da expulsão dos jesuítas durante o período pombalino, há então um vazio de informações. É apenas por volta de 1910 que há novos relatos sobre os xipaya. Emilia Snethlage e Curt Nimuendajú escrevem sobre a população e podemos a partir daí entender o contexto histórico e também temos informações gerais sobre a organização e tamanho da população xipaya. Naquele momento a população era de algumas centenas de pessoas, tendo sido muito afetada por epidemias.

Novamente aqui temos um período sem relatos, além disto, é neste momento que esta população deixa de ser vista como um povo organizado, devido aos deslocamentos compulsórios: pressão populacional tanto de indígenas, como os Mebengokre e Munduruku, quanto de não indígenas, donos de seringais.

Apenas a partir de 1970 com o movimento de etnogênese que há novos relatos e informações. No entanto é importante lembrar que apenas a população aldeada é considerada pelos órgãos governamentais, Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI), não havendo, portanto qualquer dado sobre os xipaya citadinos e ribeirinhos da Volta Grande (CORBISIER e SERPA, 2010).

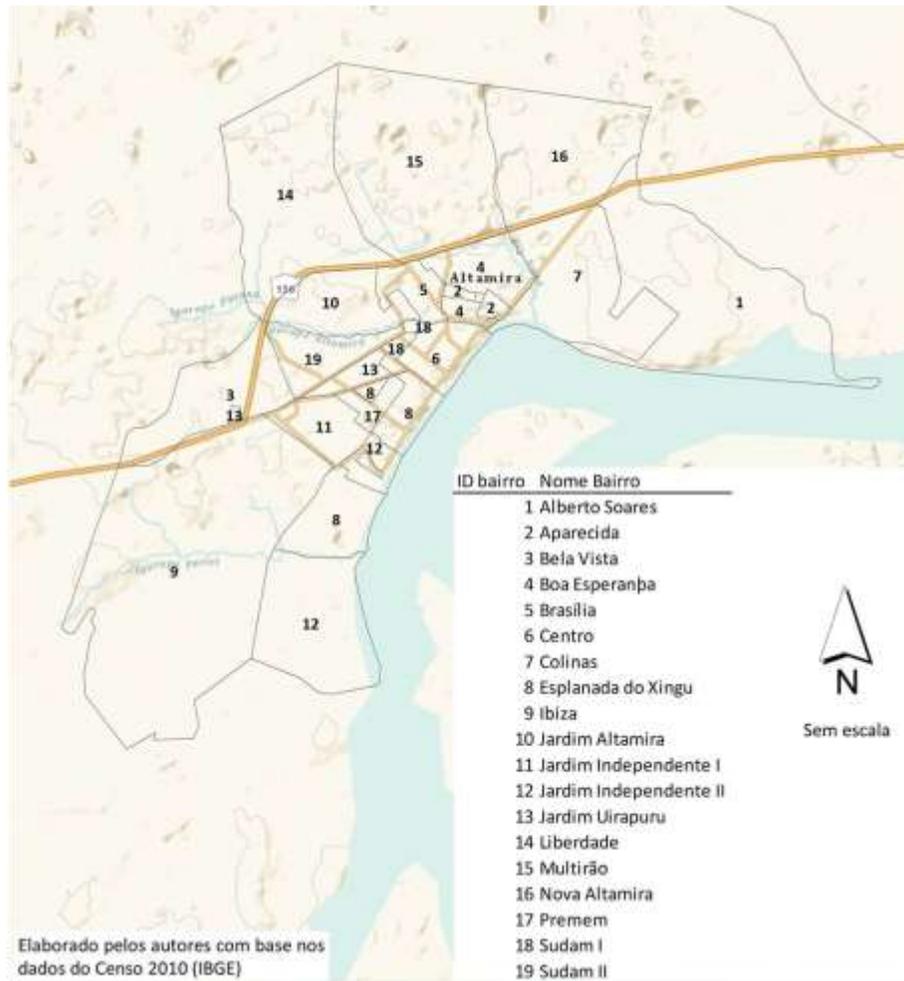
Além disso, não há dados históricos quanto ao grupo étnico nos Censos Demográficos. Apenas em 1991 a categoria indígena é incorporada ao questionário da amostra, sendo que o mesmo ocorre em 2000. Um esforço para se obter maiores e melhores informações sobre os indígenas, valorizando a diversidade dos povos e culturas, se deu no Censo 2010 em que perguntas sobre características dos povos indígenas foram incorporadas no questionário básico, além da categoria indígena são feitas questões sobre etnia e língua falada. Devemos ressaltar que estes dados estão disponíveis apenas para grandes regiões, não havendo ainda informações do Censo 2010 sobre etnia para municípios.

Paradoxalmente, os dados mais completos sobre os Xipaya de Altamira e das comunidades ribeirinhas estão presentes nos Estudos de Impacto Ambiental (EIA) de Belo Monte. Durante os estudos para implantação da usina assim como agora na fase de construção, esta parcela da população xipaya lutou por reconhecimento, o que se mostra claro no tomo sete dos estudos etnoecológicos, intitulado Citadinos e Ribeirinhos da Volta Grande do Xingu e nos estudos complementares realizados nas Terras Indígenas Xipaya e Kuruaya. Apesar deste reconhecimento é importante realizar uma crítica quanto à forma que estes dados foram coletados e dos conceitos utilizados para definição de pertencimento de um indivíduo a um grupo indígena. Segundo Corbisier e Serpa (2010), pesquisadores responsáveis pelos estudos entre os indígenas citadinos e ribeirinhos, “lideranças e representações dessa população indígena” foram reunidas e integradas à equipe de estudos para que a identificação das famílias indígenas na cidade de Altamira e em comunidades da Volta Grande do Xingu fosse possível. Ao mesmo tempo os “entrevistados mais velhos”, ou seja, os indígenas mais velhos nas localidades auxiliavam na

“construção da genealogia das famílias”. É interessante observar que a equipe indígena formada contava com seis indígenas, em que cinco eram Xipaya. O que torna os resultados obtidos no EIA particularmente interessantes já que indivíduos da população xipaya estiveram envolvidos na produção destes.

Considerando assim as possibilidades existentes ao longo da história registrada dos Xipaya, utilizaremos diversas fontes de dados para este trabalho. Para compreender o processo histórico como um todo e a constituição da Missão Tauaquara, que inaugura um novo território para os Xipaya, utilizaremos fontes bibliográficas. A continuidade da importância deste território, formando um corredor com possíveis habitações para os Xipaya, refere-se a fontes de viajantes e pesquisadores que passaram pela região, como Karl Von den Steinen, Henri Coudreau, Emilia Snethlage e Curt Nimuendaju. Finalmente para a compreensão dos processos atuais dos Xipaya citadinos utilizaremos tanto dados disponíveis no EIA, Tomo 7. Devemos ressaltar que as informações disponíveis no EIA foram divididas por bairro da área urbana. Sendo esta a única fonte pela qual é possível, até o momento, entender a ocupação espacial dos Xipaya na cidade de Altamira, escolhemos esta definição espacial para visualizar e estudar a população. Além disso, para entender a expansão da área urbana de Altamira em relação aos locais de habitação xipaya utilizaremos como recurso os limites dos setores censitários da área urbana dos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

Figura 3: Localização dos bairros na sede municipal de Altamira, PA.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Sistema de projeção: SIRGAS 2000.

Apresentaremos a seguir os resultados das análises feitas, assim como os mapas elaborados e algumas questões e possibilidades que surgiram a partir da espacialização das informações sobre a população xipaya na cidade de Altamira.

Resultados e Discussão

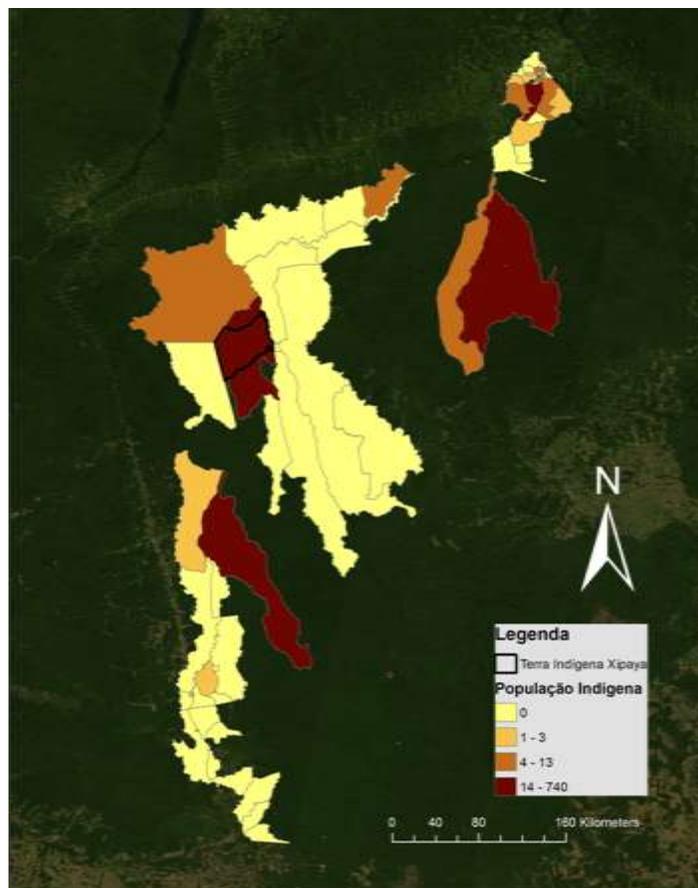
Como dissemos anteriormente o primeiro contato da população xipaya se dá com a ida do padre Roque Hundertfund por volta de 1750 (Nimuendaju, 1948). No entanto a missão que este forma as margens do Igarapé Panelas é abandonada com o período pombalino, o que faz com que

o povo xipaya permaneça nas terras do rio Iriri até cerca de 1880. É a partir deste período que o ciclo da borracha alcança a região e que vários pesquisadores descrevem a população xipaya, como Coudreau que em 1896 explora o rio Xingu e descreve os Xipaya como “índios do Iriri” e que alguns Xipaya estão “misturados com a população civilizada do rio” enquanto outros “mantém sua primitiva vida indígena”. No entanto apenas Snethlage em 1909 e 1913 encontra os Xipaya, neste último ano ela estima que o povo xipaya seja de centenas, valor questionado por Nimuendaju em 1948, pois segundo ele em 1918 havia 80 indivíduos e em 1948 identificou 30 xipayas. Esta população estava envolvida com a produção e comercialização de borracha e posteriormente, com o declínio do comércio permanece na área de Altamira. Ao observarmos em detalhe o mapa etno-histórico (Figura 4) de Curt Nimuendajú percebemos como a população se encontrava dispersa por todo rio Iriri e que a migração deste grupo ocorria do rio Iriri em direção ao rio Xingu. É importante notar assim como a região era conhecida e ocupada pelos Xipaya, havendo uma circulação por toda a área onde hoje é o município de Altamira.

é referenciada na memória dos indígenas citadinos de Altamira, não apenas Xipaya, mas também Juruna, Kuruaya e Arara.

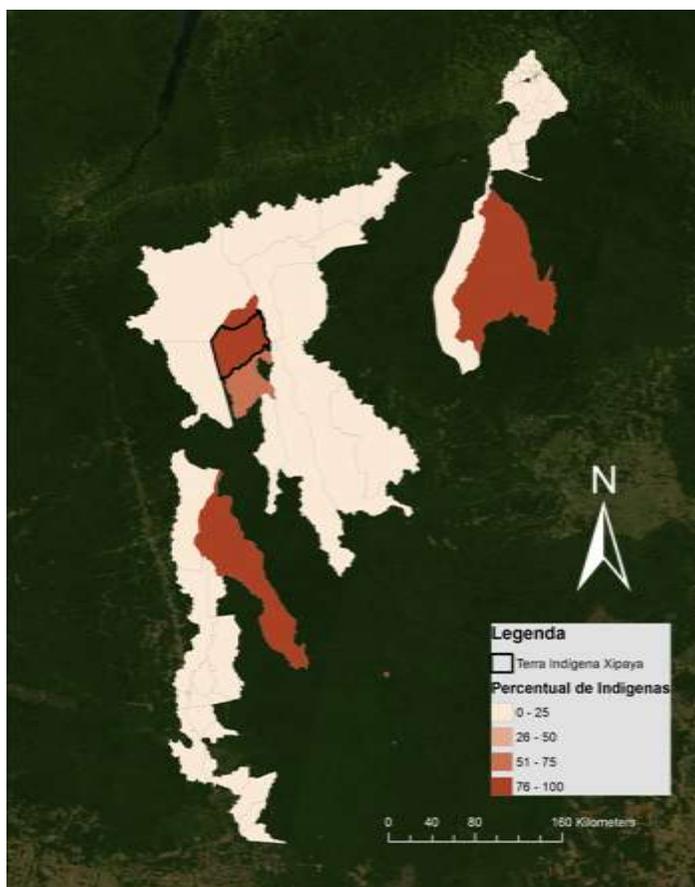
Considerando estes aspectos históricos de ocupação podemos perceber a importância da presença indígena no município de Altamira. Nas figuras 5 e 6 mostramos como a região tem um grande mosaico de populações indígenas, não apenas Xipaya. Com base nos dados do Censo de 2010 podemos observar a distribuição populacional pelo município como um todo, bem como a sede municipal de Altamira. Escolhemos apresentar tanto os mapas com a população indígena total como seu percentual, pois acreditamos assim mostrar de maneira mais fiel os dados e a população como um todo.

Figura 5: Mapa com população indígena total por setores censitários no município de Altamira, 2010.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Censo 2010, IBGE

Figura 6: Mapa com população indígena total por setores censitários no município de Altamira, 2010.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Censo 2010, IBGE.

Nestes mapas identificamos a Terra Indígena Xipaya para facilitar sua visualização. Os indígenas da região do Médio Xingu são Arara, Arara da Volta Grande do Xingu, Araweté, Asurini, Juruna, Kayapó, Kuruaya, Parakanã, Xikrin e Xipaya, sendo os grupos com maior população na cidade Xipaya, Juruna e Kuruaya. Apenas os povos Arara da Volta Grande do Xingu, Juruna, Kuruaya e Xipaya tem um histórico de contato permanente com a população regional mais antigo, em que este é mais intenso a partir do ciclo da borracha. Os outros povos foram contatados por volta da década de 1970 com a construção da Transamazônica. Os povos indígenas que estavam na cidade também foram impactados pela construção desta rodovia, já que pela pressão imobiliária e aumento populacional sofrido pela cidade de Altamira, estes se

deslocaram para outros bairros na cidade, havendo uma dispersão populacional. No entanto como grande parte dos indígenas citadinos não poderia comprar terras ou moradias muitos ocuparam as margens do igarapé Altamira em palafitas. Assim, na cidade de Altamira existem dois locais mais importantes de habitação da população indígena, o primeiro sendo o igarapé Panelas e o segundo o igarapé Altamira. A bibliografia assim nos ajuda a compreender a situação atual dos povos indígenas na sede de Altamira e a analisar de maneira mais precisa os dados.

A partir dos dados disponibilizados pelo Censo Populacional realizado em 2010 temos um quadro pormenorizado da população indígena do município estudado, lembrando que não estão disponíveis os dados por etnia para a sede municipal. Ainda assim os dados com relação à população indígena urbana são reveladores, ao mostrar um crescimento significativo nesta área. Na tabela 1 temos a população total e na tabela 2 as taxas de crescimento de Altamira.

Para compararmos com o cenário atual, tanto do Brasil como da região Norte, elaboramos a tabela 3 que traz as taxas de crescimento das populações total e indígena entre os anos de 2000 e 2010. No Brasil a população indígena cresceu 1,09%, sendo que nas áreas urbanas houve um decréscimo populacional. No Norte observamos de maneira geral um crescimento de 3,66% da população indígena, sendo que o Estado do Acre é onde esta população cresceu mais com 7,11%, ficando o Pará com uma taxa de crescimento de apenas 0,37%, também apresentando um decréscimo da população indígena urbana. Ao compararmos com os dados da tabela 2 podemos perceber a importância de se estudar a população indígena na sede municipal de Altamira, onde a população indígena urbana cresceu 20,74% . Sendo a população xipaya a mais expressiva dentre os grupos indígenas citadinos.

Tabela 1

Município de Altamira	2000 ¹			2010 ²		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
População total	77439	62285	15154	99075	84092	14983
População Indígena	1289	125	1165	3711	823	2888
Percentual de indígenas	1,66	0,20	7,69	3,75	0,98	19,28

Notas:

1 - Dados de 2000 referem-se ao questionário da Amostra. Fonte: Tabela 2093 do Sidra/IBGE.

2 - Dados de 2010 referem-se ao questionário do Universo. Fonte: Tabela 3175 do Sidra/IBGE.

Tabela 2**Taxas de crescimento anual (2000-2010)- Município de Altamira**

	Total	Urbana	Rural
População total	2,49	3,05	-0,11
População Indígena	11,15	20,74	9,50

Fonte: as taxas de crescimento foram calculadas a partir da tabela anterior

Tabela 3**Taxa de crescimento anual (200-2010)**

	População Total			População Indígena		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Brasil	1,17	1,55	-0,68	1,09	-1,94	3,66
Norte	2,08	2,60	0,79	3,66	2,88	3,87
Rondônia	1,24	2,65	-1,81	1,18	-3,67	3,50
Acre	2,78	3,67	0,76	7,11	8,98	6,79
Amazonas	2,15	2,70	0,31	4,05	6,21	3,57
Roraima	3,34	3,36	3,27	5,84	3,54	6,37
Pará	2,04	2,33	1,43	0,37	-1,61	1,15
Amapá	3,45	3,48	3,20	4,07	0,78	5,00
Tocantins	1,80	2,35	-0,02	2,18	-4,43	4,35

Fonte: Dados de 2010 referem-se ao questionário do Universo. Fonte: Tabela 3175 do Sidra/IBGE.

Ao analisarmos a população indígena por bairro na sede municipal de Altamira podemos perceber a importância e destaque populacional dos bairros Independente I e II. Ao somarmos a população indígena com base nos dados censitários de 2010 a população dos bairros Independente I e II verificamos que esta corresponde a 3,15% de indígenas, mostrando a importância ainda hoje da ocupação tradicional da área da antiga aldeia-missão Tavaquara. Outro dado relevante é a dos bairros Centro e Aparecida, as margens do Igarapé Altamira, que demonstram o deslocamento mais recente da população indígena na cidade de Altamira, datando da década de 1970.

Tabela 4: População indígena urbana na sede municipal de Altamira em 2010.

Bairros	População total	População indígena	Percentual de indígenas
Sede Municipal de Altamira	77193	819	1,06
Alberto Soares	2016	1	0,05
Aparecida	7103	160	2,25
Bela Vista	3657	29	0,79
Boa Esperança	6987	61	0,87
Brasília	6572	43	0,65
Centro	8405	125	1,49
Colinas	1023	7	0,68
Esplanada do Xingu	2648	49	1,85
Ibiza	1626	12	0,74
Jardim Altamira	3184	7	0,22
Jardim Independente I	7725	116	1,5
Jardim Independente II	4620	93	2,01
Jardim Uirapuru	2318	4	0,17
Liberdade	2171	18	0,83
Multirão	6392	33	0,52
Nova Altamira	2021	35	1,73
Premem	2866	7	0,24
Sudam I	3004	5	0,17
Sudam II	2855	14	0,49

Fonte: Dados de 2010 referem-se ao questionário do Universo. Fonte: Tabela 3175 do Sidra/IBGE.

Além dos dados do Censo, para a população indígena total da sede de Altamira temos outros levantamentos que apresentamos a seguir:

Tabela 5: Levantamentos da população indígena na cidade (sede municipal) de Altamira, PA

Ano	População indígena	Fonte
1988	31	EIA Belo Monte
1991	211	IBGE
2000	125	IBGE
2002	211	EIa Belo Monte
2006	207	EIa Belo Monte
2009	340	EIa Belo Monte
2010	819	IBGE

Fonte:

EIA Belo Monte – Tomo Citadinos e Ribeirinhos da VGX (2009, p.80).

1988 - Autor: FUNAI e Eletronorte

2002 - Autor: FUNAI/AIMA

2006 – Autor: Antônio Carlos Magalhães

2009 – Autor: Eletronorte

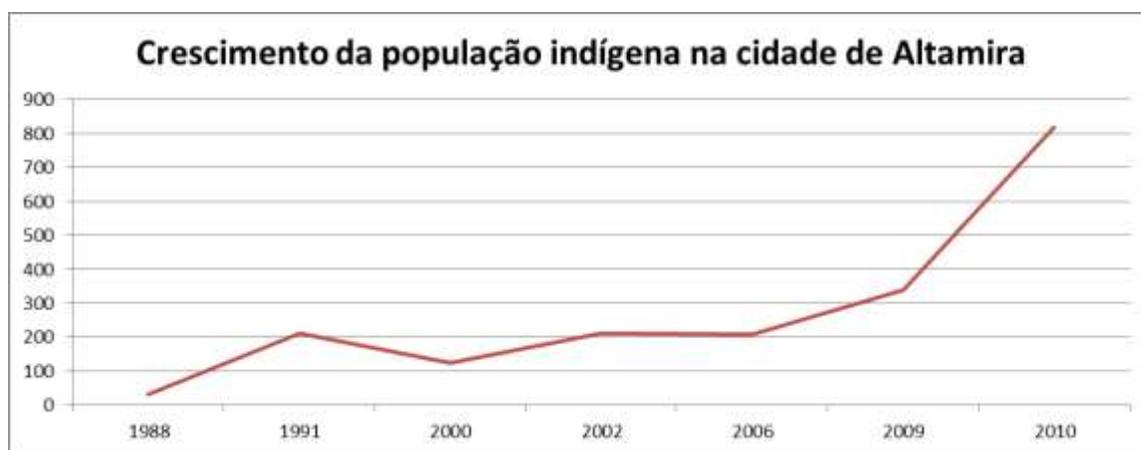
IBGE – Censos demográficos

1991 – Tabela Sidra 136 – Dados da Amostra

2000 – Tabela Sidra 2093 – Dados da Amostra

2010 – Tabela Sidra 3175 – Dados do Universo

Gráfico 1:



Fonte: Gráfico elaborado a partir das informações da tabela 5.

Percebemos como a população varia significativamente o que pode ser compreendido pelo movimento de etnogênese iniciado na década de 1970 no caso da população Xipaya, mas que afeta de modo geral a população indígena na cidade de Altamira com a primeira tentativa de barramento do rio Xingu em 1988, data do primeiro levantamento da Eletronorte na região. Esta população ganha visibilidade por meio de denúncias e estudos feitos por organizações não governamentais e pesquisadores, movimento que tem grande impacto com a segunda tentativa de barramento do rio Xingu, representado pelo projeto de Belo Monte.

Ao compararmos os dados do Censo de 2010 e o levantamento dos Estudos de Impacto Belo Monte em 2009 observamos como há maior população xipaya no levantamento feito em 2009.

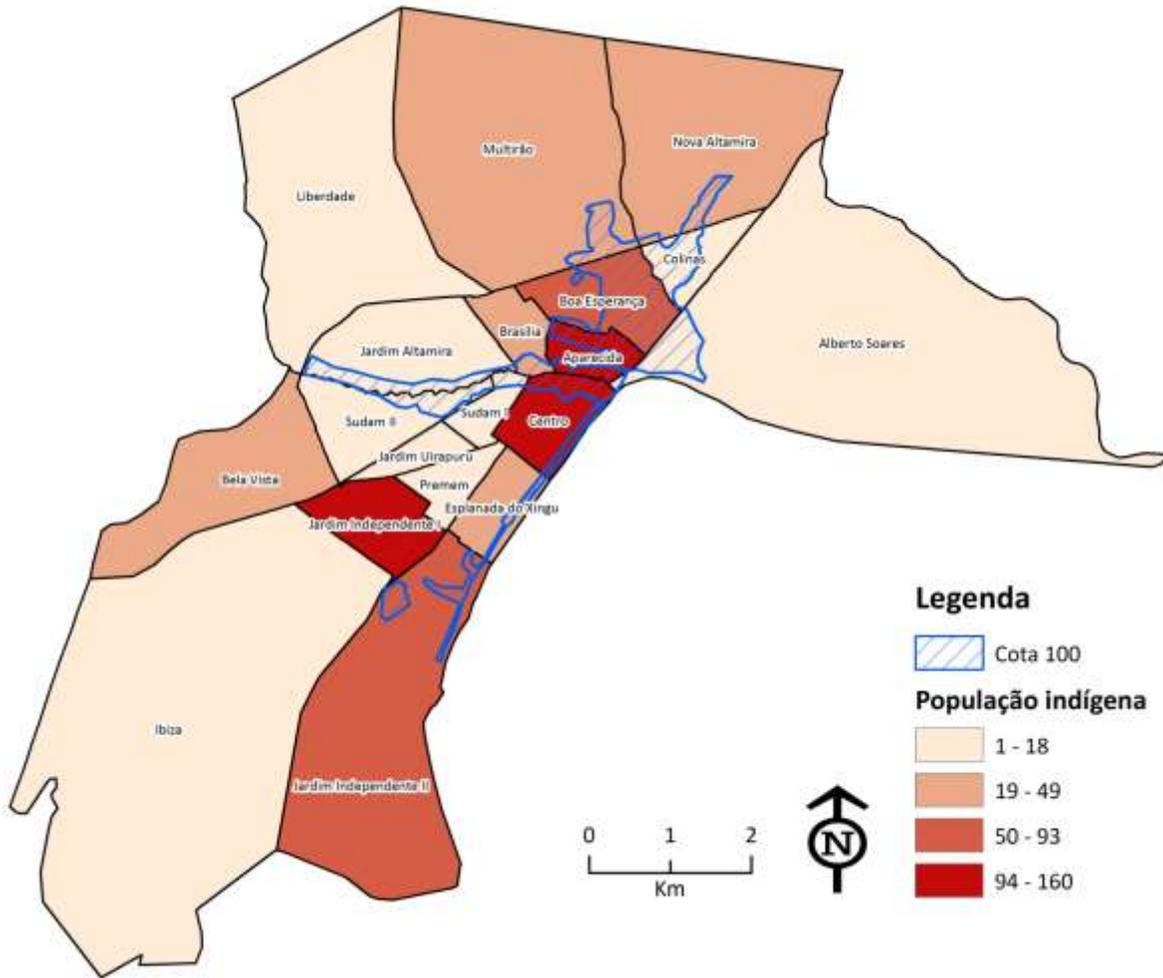
Tabela 6: Comparação da população xipaya - Censo 2010 e EIA Belo Monte 2009

Localidade	População Xipaya	Ano	Fonte	Abrangência espacial
Grande Região Norte	468	2010	Censo 2010 - dados indígenas - tabela Sidra 3194	Diversos estados incluído o Pará
Sede municipal de Altamira	478	2009	Eia Belo Monte	Apenas área urbana da sede de Altamira
Volta Grande	69	2009	Eia Belo Monte	Áreas rurais de Vitória do Xingu, Altamira e Senador José Porfírio
Terra Indígena Xipaya	81	2010	Censo 2010 - dados indígenas - Tabela Sidra 3208	Área rural do Município de Altamira

Fonte: Censo 2010 SIDRA 3194 – 2.3.2 e EIA Belo Monte 2009.

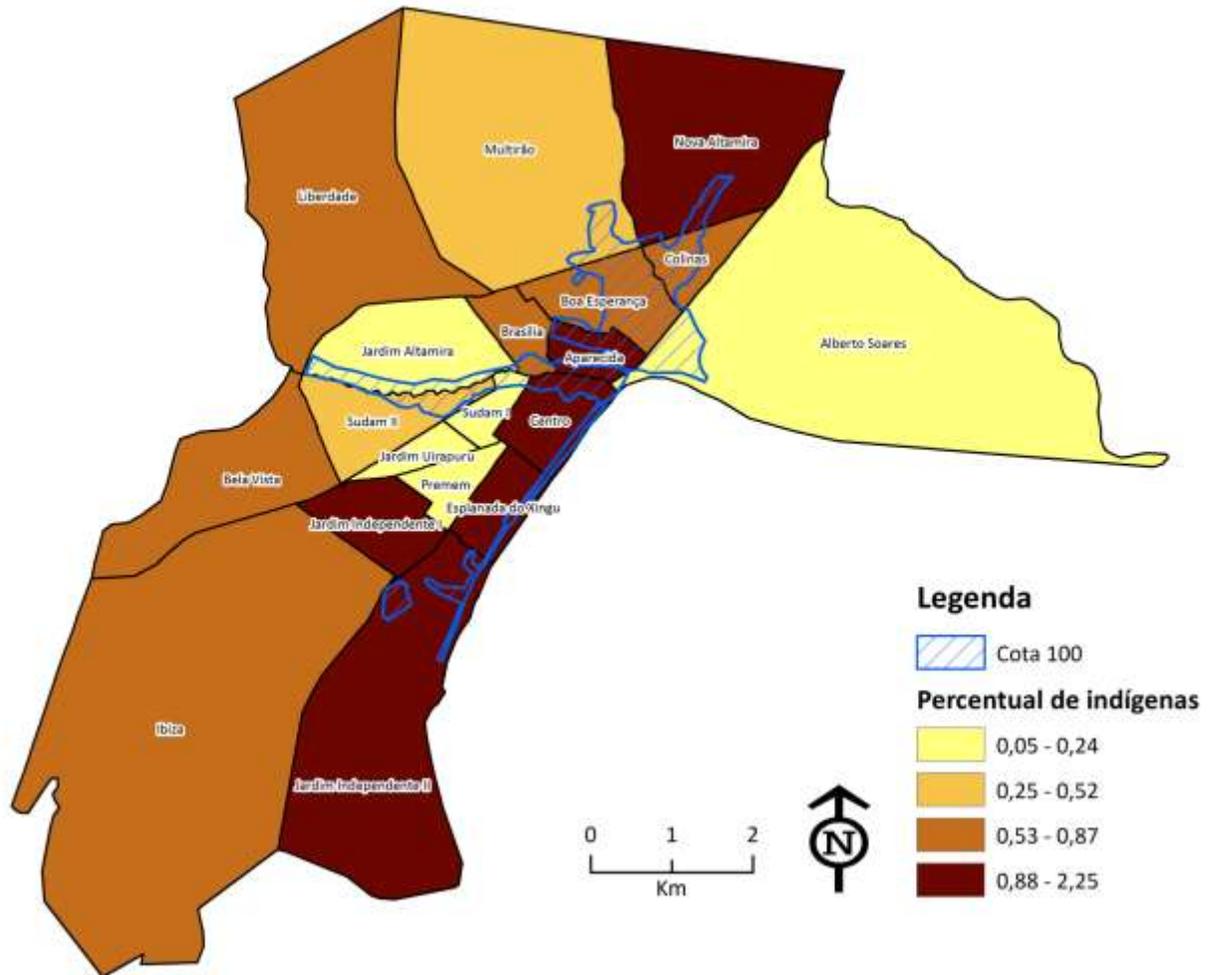
A seguir apresentamos dois mapas com a distribuição espacial da população indígena por setor censitário em Altamira, baseados nos dados apresentados na tabela 4. Incorporamos nos mapas as áreas que serão alagadas de maneira definitiva ou que estão passíveis de alagamento pela usina hidrelétrica de Belo Monte. Esta diferença existe, pois há a área em que o reservatório ocupará e outra, denominada cota 100 msnm (EIA BELO MONTE, 2009), que se refere à área que pode sofrer com alagamentos em alguns momentos, como de cheia, depois da construção de Belo Monte. Todos que vivem no interior da cota 100 serão transferidas, o que significa uma migração compulsória. Indígenas que vivem no interior de terras indígenas não podem ser deslocados em virtude da construção de projetos de desenvolvimento, no entanto os indígenas citadinos são vulneráveis a este tipo de ação, particularmente por Belo Monte, já que as áreas alagadas (áreas de igarapé) referem-se a áreas de ocupação tradicional e de maior contingente populacional.

Figura 7: Mapa com população indígena por bairros da sede de Altamira.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em do Censo 2010, IBGE - Malhas digitais dos setores do Censo 2010/ IBGE - Estatísticas agregadas por setor do Censo 2010

Figura 8: Mapa com percentual de indígenas por bairro da sede de Altamira. Proporção de população indígena nos bairros Sede municipal de Altamira, Estado do Pará, Brasil 2010



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em do Censo 2010, IBGE - Malhas digitais dos setores do Censo 2010/ IBGE - Estatísticas agregadas por setor do Censo 2010

Obervamos de maneira geral o impacto de Belo Monte para a população indígena na cidade de Altamira a partir dos dados do Censo 2010. A seguir mostramos este impacto especificamente para a população xipaya com base nos dados do EIA 2009, primeiramente em uma tabela com os dados gerais, para posteriormente espacializarmos a informação. Devemos ressaltar que os dados aqui estão disponíveis por família e não população geral.

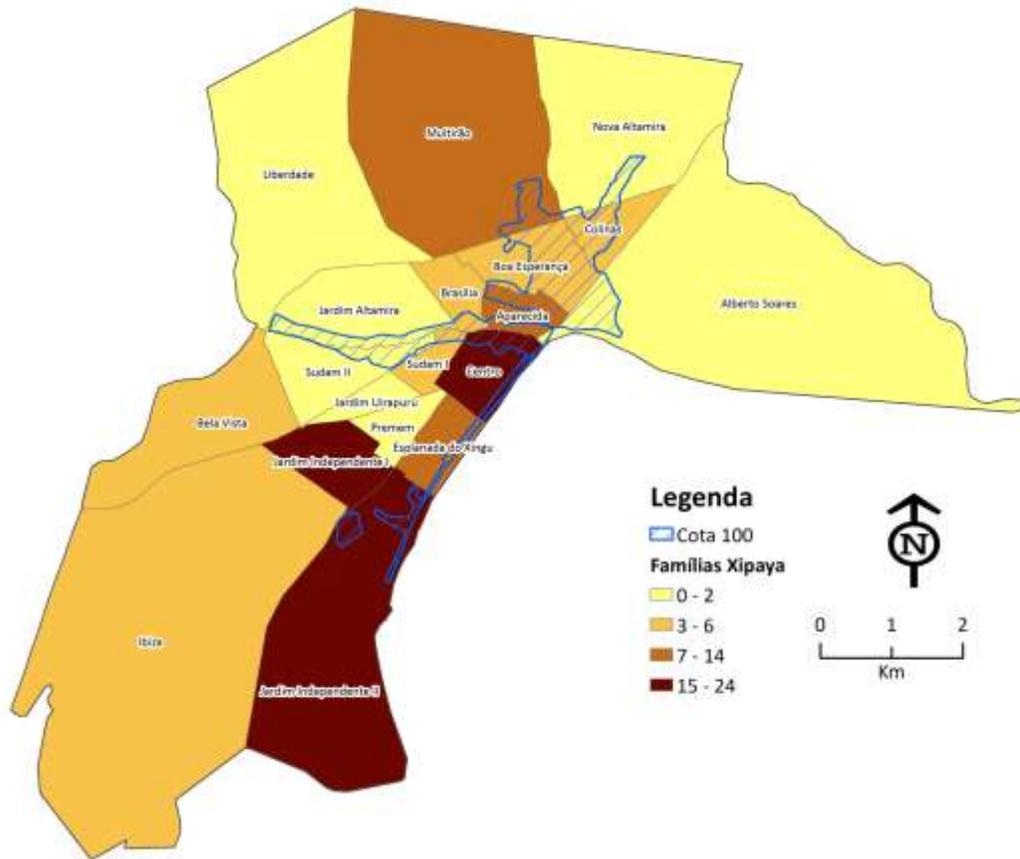
Tabela 7: Proporção de famílias Xipaya nos bairros Sede municipal de Altamira, Estado do Pará, Brasil

2009

Bairro	Famílias Indígenas	Famílias não xipaya	Famílias xipaya	Percentual de famílias xipaya
Alberto Soares	2	2	0	0
Aparecida	47	33	14	29,79
Bela Vista	11	5	6	54,55
Boa Esperança	15	12	3	20
Brasília	11	6	5	45,45
Centro	52	29	23	44,23
Colinas	5	2	3	60
Esplanada do Xingu	17	9	8	47,06
Ibiza	3	0	3	100
Jardim Altamira	2	1	1	50
Jardim Independente I	36	12	24	66,67
Jardim Independente II	41	20	21	51,22
Jardim Uirapuru	0	0	0	0
Liberdade	5	3	2	40
Multirão	25	15	10	40
Premem	1	1	0	0
Sudam I	10	4	6	60
Sudam II	0	0	0	0

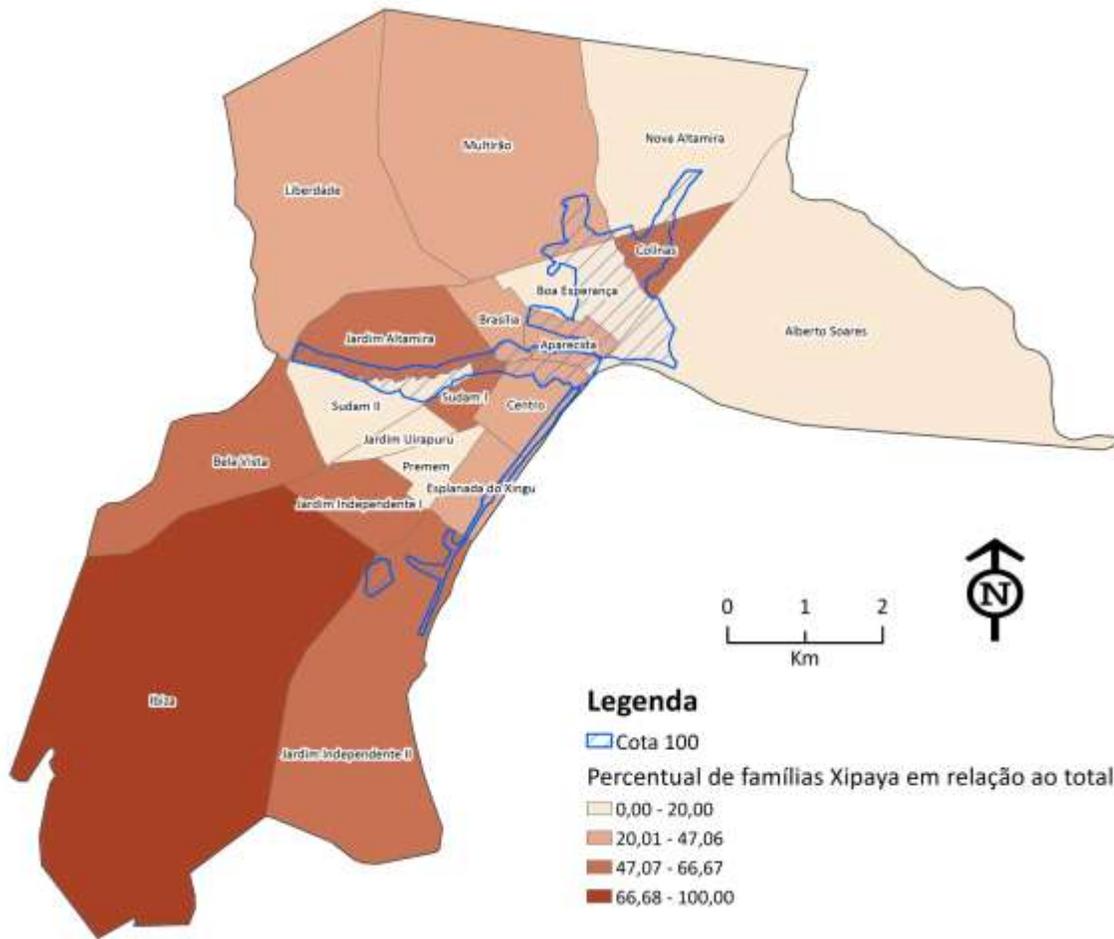
Fonte: Tabela elaborada a partir das informações disponíveis nos mapas anexos ao Volume do EIA- Citadinos e Ribeirinhos da Volta Grande do Xingu.

Figura 9: Mapa com famílias xipaya por bairros da sede de Altamira.



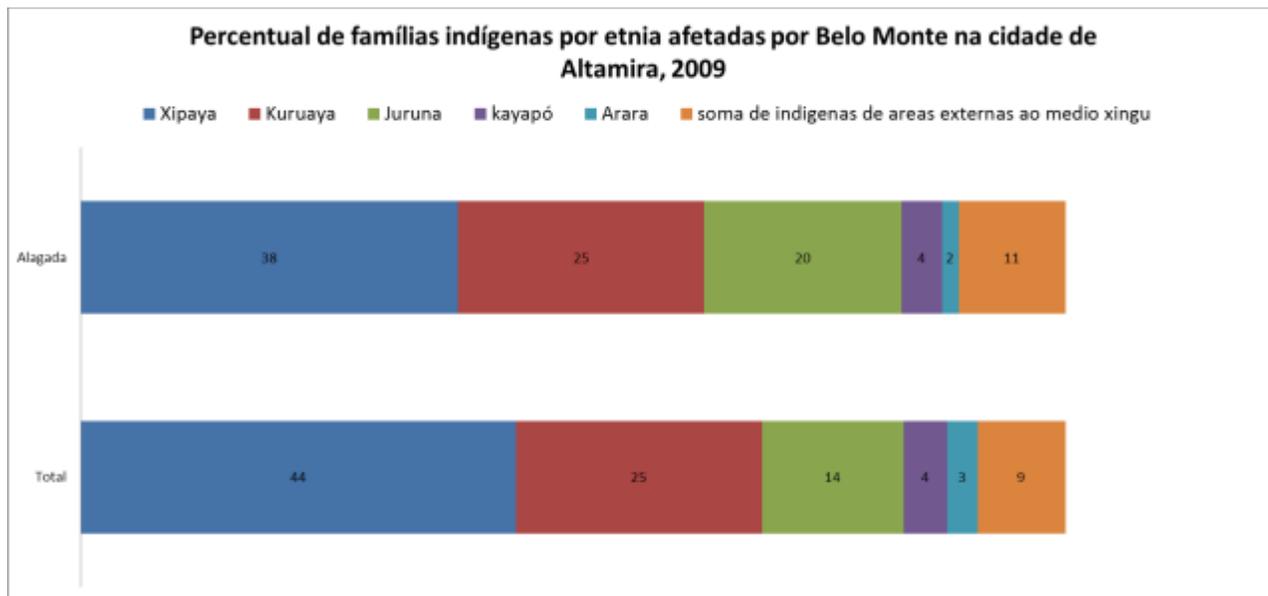
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em do Censo 2010, IBGE Malhas digitais dos setores do Censo 2010 IBGE - Estatísticas agregadas por setor do Censo 2010 e EIA Belo Monte, 2009.

Figura 10: Mapa com o percentual de famílias xipaya por bairros da sede de Altamira



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em do Censo 2010, IBGE Malhas digitais dos setores do Censo 2010 IBGE - Estatísticas agregadas por setor do Censo 2010 e EIA Belo Monte, 2009.

Gráfico 2:



Fonte: Tabela elaborada a partir das informações disponíveis nos mapas anexos ao Tomo 7 do EIA- Citadinos e Ribeirinhos da Volta Grande do Xingu.

Podemos perceber com os dados disponíveis como Belo Monte afetará a população Xipaya que vive na cidade de Altamira. O projeto da usina hidrelétrica e sua construção já causaram impactos relevantes para esta população. Paradoxalmente constituindo um cenário em que os citadinos puderam ser reconhecidos e se tornaram visíveis, tendo a possibilidade de garantir seus direitos, no entanto em um contexto em que terão suas vidas alteradas, sofrendo um deslocamento compulsório.

Conclusão

A análise demográfica de populações indígenas traz algumas dificuldades, pois os métodos tradicionais foram construídos para o estudo de grandes populações, enquanto as populações indígenas normalmente são pequenas. No entanto, pensamos que a análise espacial dessas pequenas populações seja muito importante e talvez mais precisa já que podemos observar os eventos mais claramente e abrangendo a população como um todo. Esta seria uma grande vantagem da análise espacial de uma população pequena.

Além disso, especificamente para a população xipaya, o georreferenciamento é muito importante, pois a identidade e definição de habitação desta está atrelada aos espaços e migrações compulsórias. Assim buscamos traçar um perfil espacial dos Xipaya na cidade de Altamira.

O povo Xipaya habita desde o início de sua história de contato um local de fronteira que se define pela chegada de frentes de colonização, missões, frente seringalista, em busca da borracha, a Transamazônica, como marco de desenvolvimento pretendido na década de 1970 e agora da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Localizar espacialmente essas frentes e a interação da população Xipaya com elas é essencial, principalmente neste novo momento. Novamente os Xipaya sofrerão um processo de migração compulsória e com o recurso do Geoprocessamento teremos maior possibilidade de compreensão deste fenômeno.

Acreditamos que esta análise histórica e atual da população xipaya na cidade de Altamira possa contribuir para a discussão mais geral da situação de vulnerabilidade a que os povos indígenas estão submetidos, seja em aldeias ou cidades, sendo que no caso específico Xipaya a cidade também é um território tradicional de ocupação. Além disso, a metodologia utilizada pode também aprofundar nossos conhecimentos sobre tais situações, em que grandes projetos de desenvolvimento desconsideram os povos locais e acabam por reforçar sua marginalização, que também se dá espacialmente.

Referências Bibliográficas

ABA - Associação Brasileira de Antropologia, 1954. Convenção para a grafia dos nomes tribais. Revista de antropologia, São Paulo: USP, ano 2, número 2.

BRASIL, 2005. Fundação Nacional do Índio. Despacho do presidente e Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Xipaya. **Diário Oficial da União**, Brasília, n.58, 23 mar. 2005. Seção 1, p. 23 – 27.

CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M.; DRUCK, S. D.; CARVALHO, M. S., 2002. Análise Espacial e Geoprocessamento. Relatório do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE). São José dos Campos, SP.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela e ALMEIDA, Mauro W. B., 2001. Populações Tradicionais e Conservação. In: Biodiversidade/Amazônia, F. Capobianco et al. (Orgs.) São Paulo: ISA/Estação Liberdade.

Convenção nº 169 da OIT, de 07 de junho de 1989. Convenção relativa aos povos indígena e tribais em países independentes. Organização Internacional do Trabalho. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convds.pl?C169>

CORBISIER, ANA; SERPA, PAULO, 2010. Índios citadinos de Altamira e Famílias Indígenas Ribeirinhas da Volta Grande do Xingu: Aspectos demográficos, Socioeconômicos e Culturais. Disponível em <http://www.ecsbarragens.ufpa.br/site/cd/ARQUIVOS/GT3-416-3-20101113190929.pdf>, acesso em 03 de Agosto de 2012.

COUDREAU, Henri, 1977. Viagem ao Xingu. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp.

DRUCK, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A.V.M. (Eds.),2002. Introdução à Ciência da Geoinformação Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), São José dos Campos, SP.

DRUCK, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A.V.M. (Eds.),2004. "Análise Espacial de Dados Geográficos". Brasília, EMBRAPA.

ESCADA, M. I. S et al. 2005. Processos de ocupação nas novas fronteiras da Amazônia (o interflúvio do Xingu/ Iriri). *Dossiê Amazônia brasileira II. Revista Estudos Avançados*. São Paulo: *Revista Estudos Avançados*, 54: 9-23.

Estudos de Impacto Ambiental (EIA) Belo Monte, 2009. Volume 35, Estudos etnoecológicos, Tomo 7 – Citadinos e Ribeirinhos da Volta Grande do Xingu.

Estudos de Impacto Ambiental (EIA) Belo Monte, 2011. Estudos Complementares, Estudo Socioambiental Complementar das Terras Indígenas Xipaya e Kuruaya.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Portaria 2362 de 15 de dezembro de 2006. Disponível em <http://www.funai.gov.br/licitacao/2007/Anexo%2012%20-%20Xipaya.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

ISA – Instituto Socio-Ambiental. (s/d). Um conjunto complexo de impactos socioambientais. Disponível em <http://www.socioambiental.org/esp/bm/isa.asp>. Consulta em 10 de maio de 2012.

KREAGER, Philip. 1997. Population and Identity. In: KERTZER, D.I. E FRICKE, T. (Eds.) *Anthropological Demography: Toward a New Synthesis*. Chicago, University of Chicago Press, pp. 139-174.

MAGALHÃES, Antônio Carlos, 2008. Identidade e reconhecimento étnico – índios citadinos de Altamira. Fundação Humanitas.

NIMUENDAJÚ, Curt, 1948. Tribes of the lower and middle Xingu river. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. v.3. Washington : Smithsonian Institute.

Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Adaptado do mapa de Curt Nimuendajú, 1944. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. Disponível em http://biblio.wdfiles.com/local--files/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg. Acesso em 10 de maio de 2012.

OLIVEIRA FILHO, J. P., 1997. Pardos, Mestiços Ou Caboclos? Os Índios Nos Censos Nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre (RS), v. 6, p. 60-83.

PAGLIARO, Heloísa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.), 2005.

Demografia dos povos indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Associação Brasileira de Estudos Populacionais/ABEP.

PATRÍCIO, Marlinda Melo, 2000. Índios de verdade? O caso dos Xipaya e Curuaia. (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Pará).

PATRÍCIO, Marlinda Melo, 2003. Verbete Xipaya. Em: Povos Indígenas do Brasil. (s/d). Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xipaya>. Consulta em 10 de maio de 2012.

SEVÁ FILHO, A, 2005. O. Tenotã – Mõ. Alertas sobre as conseqüências dos projetos hidrelétricos no Rio Xingu. São Paulo: International Rivers Networ. Disponível em <http://www.fem.unicamp.br/~seva..>

STEINEN, Karl Von den, 1942. O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Rio de Janeiro. Companhia Editora Nacional.

SNETHLAGE, Emília, 1910. “A travessia entre o Xingu e o Tapajoz”. In: Boletim do Museu Emilio Goeldi, VII.

Sites consultados:

<http://www.cartografiahistorica.usp.br/>

<http://pib.socioambiental.org/>

<http://www.funasa.gov.br/>

<http://www.funai.gov.br/>